

O Brasil na “Biblioteca Ayacucho”: vertente literária e cultural¹

Haydée Ribeiro Coelho | UFMG/CNPq

Resumo: Este texto tem como objetivo refletir sobre a presença da literatura e cultura brasileiras na “Biblioteca Ayacucho” que foi um empreendimento cultural apoiado pelo governo venezuelano. Para isso, toma como ponto de partida o estudo de alguns prólogos que acompanham os textos publicados no momento durante o qual Ángel Rama, crítico uruguaio, exerceu a função de Diretor Literário. Para desenvolver este trabalho, foram considerados os seguintes aspectos: lições de comparativismo; identidade nacional e atualização histórica; uma perspectiva semiótica da literatura e o diálogo com as artes plásticas; a tradução e a heterogeneidade; vertente cultural e, finalmente, as bibliotecas na “Biblioteca”.

Palavras-chave: Brasil, “Biblioteca Ayacucho”, crítica literária e cultural.

Fronteiras textuais e perspectivas críticas

A “Biblioteca Ayacucho”, em 2004, comemorou trinta anos. O livro *2004: 30 años da Biblioteca Ayacucho*, dedicado ao momento, recuperava o

1. Este texto vincula-se à trajetória que tenho feito sobre o exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai e sua interlocução com Ángel Rama e ao projeto atual que realizo como bolsista do CNPq. Uma versão do texto foi apresentada originalmente no III Colóquio Internacional (A invenção do arquivo literário. Crítica e Coleção), Belo Horizonte, 21-23 de novembro de 2007.

histórico dessa “Coleção” em Caracas, abarcando os fatos e acontecimentos que desencadearam a criação da Biblioteca em 1974: a situação geopolítica da América Latina dominada pelas ditaduras militares; o aspecto privilegiado da Venezuela tanto economicamente como politicamente; o apoio do governo de Carlos Andrés Pérez (presidente da Venezuela); a presença de Ángel Rama “que tenía en su cabeza la cultura como conjunto”;² a importância do poeta e editor venezuelano José Ramón Medina, presidente da “Fundación Biblioteca Ayacucho” e, ainda, outras iniciativas editoriais que lhe precederam.

Nessa reconstrução histórica da “Ayacucho”, na apresentação do livro mencionado, Oscar Rodríguez Ortiz relembra que, em 1924, na celebração do primeiro centenário da “Batalla de Ayacucho”, o escritor venezuelano Rufino Blanco-Fombona “creó dentro de su editorial, que ya llevaba varios años de vida, una colección de libros a la que llamó “Biblioteca Ayacucho”.³ Pertencente a um esquema maior, como parte da “Editorial América”, abrigava diferentes coleções: “La Biblioteca Andrés Bello” para literatura; a de “Ciencias Políticas y Sociales”; a da “Juventud Hispanoamericana” e a de “Obras varias”.

O apresentador do livro sobre a “Biblioteca Ayacucho” salientava que textos clássicos, antigos e recentes, tinham que ser lidos com os olhos de agora. Ressalte-se a citação:

Pero mucho más que todo esto, de lo que se trataba y se sigue tratando es que esos monumentos clásicos, antiguos y recientes, sean leídos desde esta época, con los ojos de ahora y que nuestra mirada temporal quede grabada en los prólogos, notas y aparatos eruditos que acompañan esos libros venerables.⁴

Todos os textos selecionados, para integrar a coleção latino-americana, apresentavam, além do prólogo, a que nos referimos, uma cronologia e uma

2. ORTIZ. Apresentação, p. 3.

3. “(...) criou dentro de sua editora, que tinha muitos anos de vida, uma coleção de livros a que chamou de “Biblioteca Ayacucho”. ORTIZ. Apresentação, p. 5. Todos os trechos que aparecerão traduzidos do espanhol para o português são de minha autoria.

4 “Muito mais que tudo isso, continuavam sendo abordados esses monumentos clássicos, antigos e recentes, para que fossem lidos a partir dessa época, com os olhos de agora e que nossa perspectiva temporal ficasse gravada nos prólogos, notas e instrumentos eruditos que acompanham esses respeitáveis livros.” ORTIZ. Apresentação, p. 5.

bibliografia do autor. As apresentações dos textos ficavam por conta de um “destacado especialista.” No âmbito das interlocuções latino-americanas e do tema das fronteiras, meu interesse é elucidar a participação do Brasil, na “Biblioteca Ayacucho”, entre o período de 1974 a 1985, momento histórico que abarca a ditadura brasileira e uruguaia; ocorre a morte de Ángel Rama, em 1983; há o retorno à democracia no Brasil (1984) e no Uruguai (1985).

Em “Uma visão latino-americana”, Antonio Candido, tendo participado ativamente da “Biblioteca Ayacucho”, declara que “foi uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto desse tipo em proporção adequada”.⁵

Os volumes, dedicados à literatura, à cultura e às artes plásticas brasileiras, publicados entre meados dos anos 1970 e 1980, foram: *Casa-grande & senzala*, 1977 (v. 11); *Memórias de un sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, 1977 (v. 25); *Cuentos*, de Joaquim M. Machado de Assis, 1978 (v. 33); *Arte y arquitectura del Modernismo Brasileño (1917-1930)*, 1978 (v. 47); *Dos novelas (Recuerdos del escribiente Isaías Caminha y El triste fin de Policarpo Quaresma)*, de Lima Barreto, 1978 (v. 49); *Quincas Borba*, de Machado de Assis, 1979 (v. 52); *Obra Escogida*, de Mario de Andrade, 1979 (v. 56); *Los sertones*, de Euclides da Cunha, 1980 (v. 79); *Obra Escogida*, de Oswald de Andrade, 1981 (v. 84) e *Ensayos Literarios*, de Silvio Romero, 1982 (v. 93).⁶

O volume, dedicado a Lima Barreto, compõe-se de dois romances. Nos volumes das obras escolhidas de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, destaque-se, além dos romances, a publicação de outros textos. Em relação ao autor de *Macunaíma*, foi realizada uma seleção de contos, de ensaios e artigos e, ainda, de cartas (Carta dirigida a Carlos Drummond de Andrade; a Antonio Candido e a Manuel Bandeira). No caso de Oswald de Andrade, foram publicados, além de *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”; “Manifesto Antropófago”; *Carta de los cantares para flauta y vibuela* e *La crisis de la filosofía mesianica*.

Os prefácios e as obras brasileiras eram traduzidos para o espanhol. Considerando as apresentações de obras canônicas, escritas por destacados

5. CANDIDO. Dialética da malandragem, p. 263.

6. Na medida do possível, usaremos para o comentário dos prólogos os textos já existentes em português.

especialistas, pressupõe-se, no caso do leitor brasileiro, que esses textos literários e críticos lhe eram familiares, o que me levou a indagar sobre a circulação deles entre nós.

Para exemplificar, menciono o caso de dois textos. “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido, por exemplo, apareceu pela primeira vez em 1970 em uma revista, sendo traduzido para a “Biblioteca Ayacucho” em 1977. Reaparece em *O discurso e a cidade*, em 1993, precedido de uma epígrafe de *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, que atualizava a leitura do texto no âmbito brasileiro e da produção do eminente crítico. O Prólogo da *Obra Escogida*, de Mário de Andrade, “El Tupi y el Laúd”, de Gilda de Mello Souza, com pequenas modificações (corte de parágrafos e mudança de paragrafação), corresponde a um livro, editado no Brasil em 1979, data em que também foi publicado em Caracas. Diferentemente da publicação dos prólogos anteriores, a apresentação de Darcy Ribeiro, escrita para a obra de Gilberto Freyre da “Ayacucho” (1977), só aparece divulgada e traduzida em português no livro *Ensaio insólitos* (1979).

Cotejando o texto de Antonio Candido, republicado no Brasil em *O discurso e a cidade*,⁷ e o mesmo texto transformado em prólogo para *Memórias de um sargento de milícias*, é possível verificar que ocorre também o desdobramento de parágrafos e, ainda, o acréscimo de mais um diagrama⁸ que não aparece na edição brasileira. Nele se observa a inscrição de nomes de personagens da narrativa de Manuel Antonio de Almeida que são traduzidos como: “Luisita”, “Vidita” e “María Sorriente”. Os aspectos, que os relacionam, dizem respeito ao mundo da ordem e da desordem, reiterados em outro diagrama inserido nos textos em português e em espanhol.

Nem sempre o critério cronológico da publicação das obras foi seguido. No caso de o primeiro texto literário da “Biblioteca” ter sido *Memórias de um sargento de milícias* é bastante significativo. Antonio Candido refunda, com a publicação na “Ayacucho”, uma crítica já cristalizada e revelada por ele em “Dialética da malandragem”. A nota de rodapé, presente no texto em português e em espanhol, remete ao artigo de Walnice Nogueira Galvão, segundo a qual: “(...) Manuel Antonio de Almeida es el primero a en fijar en la literatura el carácter

7. CANDIDO. Dialética da malandragem.

8. CANDIDO. Dialectica del malandrínaje (caracterización de las *Memórias de un Sargento de Milicias*, p. XXIV.

nacional brasileiro, tal como tendrá larga vida en nuestras letras (...) Creo que se puede saludar en Leonardo al ancestro de *Macunaíma*.⁹

A associação entre *Memórias de um sargento de milícias* e *Macunaíma* institui um jogo de temporalidades no âmbito da apresentação da história literária brasileira que, mostrada de forma não linear para o leitor hispano-americano, situa-o na encruzilhada de vários aspectos culturais e literários brasileiros. Cria, ainda, uma expectativa para uma futura publicação do livro de Mário de Andrade na “Biblioteca Ayacucho”.

Em *Seuils*, na introdução de seu livro, Gerard Genette ressalta como a obra literária se mostra reforçada pela presença de paratextos, conforme se pode ler em:

Le paratexte se compose donc empiriquement d'un ensemble hétéroclite de pratiques et de discours de toutes sortes et de tous âges que je fédère sous ce terme au nom d'une communauté d'intérêt, ou convergence d'effets, qui me paraît plus important que leur diversité d'aspect.¹⁰

O crítico francês, ao enfocar os prefácios literários, sejam eles autobiográficos ou alográficos, demonstra que exercem funções. Atentei há pouco para o fato de as apresentações dos livros da “Biblioteca Ayacucho” terem uma finalidade de atualizar a leitura e a reflexão sobre as obras. No entanto, a leitura dos prólogos pode ser feita a partir de múltiplas direções, considerando a especificidade das obras, da trajetória dos autores e, ainda, dos críticos sobre esses textos.

Cada texto (prólogo) dialoga com outros, abrindo diferentes caminhos de estudo. Nesse sentido, levanto alguns aspectos comuns e diferentes nos prólogos que podem trazer contribuições para se entender parte da crítica brasileira que se fez dentro do país, mas se estendeu à América Hispânica, tornando possível a travessia de fronteiras linguísticas, literárias e histórico-culturais. Trata-se, então, de transformar essas barreiras e as condições adversas do exílio em um diálogo que não era só de papel, pois estava, com certeza, marcado pela utopia de transformar

9. “Manuel Antonio de Almeida é o primeiro a fixar em literatura o caráter nacional brasileiro, tal como terá longa vida em nossas letras (...) Creio que se pode saudar em Leonardo o ancestral de *Macunaíma*.” GALVÃO. No tempo do rei, p. 32, citado por CANDIDO. Dialética da malandragem, p. 26.

10. GENETTE. *Seuils*, p. 8.

cidadãos em consumidores letrados, conscientes de sua posição crítica. A cidade letrada de Rama certamente orientava a “Biblioteca Ayacucho”, mas era ultrapassada pelas próprias condições políticas vividas por muitos escritores exilados que dela participaram. Darcy Ribeiro, por exemplo, um dos importantes interlocutores de Ángel Rama, antes de participar de atividades culturais (“Biblioteca Ayacucho”) e universitárias na Venezuela, depois de seu retorno do exílio uruguaio, foi preso no Brasil em 1968, logo após o “Ato Institucional nº 5” que reprimiu, entrevistou “nos estados e municípios”; cassou direitos em defesa da “segurança Nacional”.¹¹

Como seria impossível tratar de várias possibilidades analíticas, decorrentes dos prólogos, selecionei alguns aspectos que demonstram como eram atualizadas a leitura das obras.

Lições de comparativismo

No processo de atualização das obras, lições de comparativismo literário não faltam aos leitores hispano-americanos e brasileiros. O texto literário, apresentado e analisado pelos críticos nos prólogos, era focalizado, de forma comparatista com textos da literatura brasileira e de outros sistemas.

No prólogo de *Cuentos*, intitulado “Situaciones machadianas”, Alfredo Bosi focaliza, inicialmente, o jogo das máscaras que aparece em alguns contos de Machado de Assis: “Luis Soares”; “O segredo de Augusta”; “Miss Dollar” e “A parasita azul” para, em seguida, abordar o que ele considera como “contos-teoria”: “O alienista”; “Teoria do medalhão”; “O segredo de Bonzo”; “A sereníssima República”; “O espelho”; “Conto alexandrino” e a “Igreja do Diabo”. O autor da apresentação, ao fazer observações sobre “A sereníssima República”, remete-nos às *Aventuras de Gulliver* e a Ulisses (personagem de Homero). Reconhece, em “O segredo de bonzo”, uma variante do conto filosófico do século XVIII. “O espelho” propicia ao autor de *A dialética da colonização* remissões ao sociólogo Émile Durkheim e ao texto *El difunto Matias Pascal* de Luigi Pirandello.¹²

No conhecido texto “Dialética da malandragem”, Antonio Candido enfoca *Memórias de um sargento de milícias*, tendo como ponto de partida a

11. RIBEIRO. *Aos trancos e barrancos*: como o Brasil deu no que deu, p. 1998.

12. BOSI. *Situaciones machadianas*, v. 33, p. XXIV e XXV.

crítica sobre o livro realizada por José Veríssimo (1894); Mário de Andrade (depois de 1941) e Darcy Damasceno (1956).

A constatação do elemento picaresco, na obra de Antonio Manuel de Almeida, aparece de forma mais vigorosa na crítica de Josué Montello (1955). No entanto, como afirma o próprio Antonio Candido, era preciso comprovar aquilo que aparecia como certeza no texto de Antonio Manuel de Almeida. Essa indagação constitui uma parte de seu artigo, que vem seguida da indagação sobre o “romance malandro”.

A astúcia pela astúcia aproxima Leonardo de Pedro Malasarte, “trickster imemorial”. Pai e filho no texto de Manuel Antonio de Almeida seriam uma “espécie de projeção invertida, no plano das aventuras da família didática de Bertoldo, que Giulio Cesare Della Croce e seguidores popularizaram a partir da Itália desde o século XVI, inspirados em remotas fontes orientais”.¹³

A afinidade com a produção cômica e satírica, no tempo da Regência, e com La Bruyère, demonstram que a obra de Manuel Antônio de Almeida está na encruzilhada de uma diversidade literária apreendida em textos brasileiros e europeus. No que tange ao aspecto de documento, Antonio Candido assinala que é um documentário restrito, “pois que ignora as camadas dirigentes, de um lado, as camadas básicas, de outro”.¹⁴

O prólogo às duas obras de Lima Barreto foi escrito por Francisco de Assis Barbosa que realiza um panorama histórico, permitindo ao leitor compreender o entrelaçamento entre romance e História. Destaca, ainda, a formação intelectual de Lima Barreto que era um autodidata. No texto de Francisco de Assis Barbosa, há várias menções às leituras do escritor. Suas preferências literárias eram enumeradas em um catálogo de sua pequena biblioteca, intitulada “limiana”. As leituras do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* eram predominantemente francesas. O escritor identificava-se também com Eça de Queiroz, manifestando sua admiração por ele.

Francisco de Assis Barbosa, historiador e biógrafo de Lima Barreto, não só comenta a obra do escritor carioca bem como aspectos de sua vida, chegando a mostrar a dificuldade de separação de fronteiras entre ficção e realidade. Assinala a militância política do escritor que era “quase um guerrilheiro” (XVIII).¹⁵ Na imprensa, seu trabalho de crítica política se destaca. Para Sergio Milliet, segundo

13. CANDIDO. Dialética da malandragem, p. 27.

14. CANDIDO. Dialética da malandragem, p. 32.

15. BARBOSA. Prólogo, p. XVIII, v. 49.

Francisco de Assis Barbosa, “Lima Barreto fue el gran novelista de la generación postmachadiana e el pionero de la novela brasileña moderna”.¹⁶

Sob a perspectiva comparativista, Francisco de Assis Barbosa, com base na relação entre documento e reportagem, considerando o que ressalta Otto Maria Carpeaux, salienta a aproximação entre o escritor brasileiro e a família de “certos norte-americanos, Upton Sinclair y Jack London entre outros”.¹⁷ No personagem Policarpo, Oliveira Lima “vio algo parecido a un Don Quijote nacional”.¹⁸ A reminiscência de Guzmán Alfarache, Lazarillo de Torres e Gil Blas, na sátira de Lima Barreto, é outro aspecto a que o biógrafo se refere ao apresentar a obra do escritor carioca.¹⁹ O diálogo com a recepção crítica das obras era constante, e os dados biográficos dos autores situavam as obras no tempo e no espaço. Nos prólogos, a tradição é situada em relação aos textos que antecedem as publicações comentadas e aquelas que lhe sucedem. Sob essa perspectiva, os críticos recorrem a suas bibliotecas e às dos autores, propiciando a abertura para vários campos interpretativos em um constante trabalho semiótico por meio de alusões, referências e citações.

Como se pode evidenciar, os prefácios possibilitavam compreender a literatura e a cultura não só por meio de intertextos, mas de hipertextos que permitem “uma complexa e não seqüencial rede de associações”.²⁰

Na apresentação da fortuna crítica, o leitor é estimulado a comparar dados sobre autores e obras, publicados em coleções diferentes. No prólogo do volume dedicado a Lima Barreto, seu biógrafo reitera a posição de Otto Maria Carpeaux (o autor carioca não foi desprezado em vida), realizando um panorama da crítica sobre Lima Barreto no Brasil e no exterior). Esse aspecto e muitos outros sobre a recepção de Lima Barreto são retomados por Francisco de Assis Barbosa

16. Lima Barreto foi o grande romancista da geração pós-machadiana e o pioneiro do moderno romance brasileiro. Milliet citado por BARBOSA. Prólogo, p. XIX, v. 49.

17. “(...) certos norte-americanos, Upton Sinclair y Jack London entre outros.” BARBOSA. Prólogo, p. XIX, v. 49.

18. “(...) viu algo parecido a um Dom Quixote nacional.” BARBOSA. Prólogo, p. XXV, v. 49.

19. BARBOSA. Prólogo, p. XXV, v. 49.

20. Veja o texto de Zilá Bernd. Cf. BERND. Literatura Comparada e outras literaturas periféricas, p. 41.

em “O escritor e a posteridade” I, na edição crítica da “Coleção Archivos”. No texto dessa coleção, o biógrafo de Lima Barreto faz referências às traduções de *Isaías Caminha* e *Policarpo Quaresma*, realizadas pela “Biblioteca Ayacucho”. Nesse mesmo texto, menciona “esse empreendimento”, ocorrido em Caracas, “que reúne em edições bem cuidadas os autores mais representativos da literatura hispano-americana, nas quais o Brasil tem um lugar de honra.”²¹

A identidade nacional e a atualização histórica

A questão da identidade nacional atravessa os textos, figurando até mesmo, de forma explícita, no título do prólogo de Roberto Swartz que se vale da pergunta de Araripe Júnior, a propósito de Rubião, protagonista de *Quincas Borba*, “Quién me dice que este personaje no sea el Brasil?”²²

Para o autor de *A sereia e o desconfiado*, “la brasileñidad de Machado no reside en su extraordinario trabajo de anotación local, del cual naturalmente depende, como tampoco no es anulado por el discurso universalista, estrato importante de su literatura”.²³ Nesse sentido, ressalta, ainda, como Machado capta “os limites da civilização burguesa” em um país “donde el capitalismo no había adquirido su forma clásica (...)”.²⁴ Pelo que se depreende de seu artigo, isso ocorre na tensão entre relações e formas.

Tendo em vista o período em que os prólogos foram escritos, os críticos leem as obras, estabelecendo uma analogia entre fatos e momentos históricos e econômicos. No comentário sobre *Quincas Borba*, a constituição de uma nação culta e a expansão imperialista que inaugurava a crise da nacionalidade e da civilização burguesa evoca o contexto de 1964 em que “o passado se tornou mais sombrio”: “ao invés de uma contribuição local à diversidade das culturas surgiu em

21. BARBOSA. Prólogo, p. 600.

22. SWARTZ. Quien me dice que este personaje no sea el Brasil, v. 52, p. IX.

23. “(...) a brasilidade de Machado não reside em seu extraordinário trabalho de anotação local, do qual naturalmente depende, como também não é anulado pelo discurso universalista, estrato importante de sua literatura.” SWARTZ. Quien me dice que este personaje no sea el Brasil, v. 52, p. XIII.

24. “(...) onde o capitalismo não tinha adquirido sua forma clássica.” SWARTZ. Quien me dice que este personaje no sea el Brasil, v. 52, p. XXIV.

primeiro plano a história da deformação nacional, como instância da marcha grotesca ou catastrófica do capital”.²⁵

Walnice Nogueira Galvão, em seu artigo sobre *Os Sertões*, tendo em vista o episódio da Guerra de Canudos, questiona “la ideologia oficial que postula a índole pacífica do povo brasileiro”.²⁶ Além disso, narra como, com base nos melhores argumentos tecnocráticos”, durante o período da ditadura militar, foi construído um açude sobre as ruínas de Canudos “reposan escondidas debajo de muchas toneladas de agua”.²⁷ Esse gesto de desmemória evitava perpetuar qualquer remissão aos corpos incinerados dos habitantes de Canudos.

Uma perspectiva semiótica da literatura e o diálogo com as artes plásticas

Tanto a poesia como a prosa fizeram parte da seleção de textos escolhidos para a “Biblioteca Ayacucho”, como se observa no prólogo destinado às obras de Oswald de Andrade. No âmbito da poesia, Haroldo de Campos evidenciava como o autor do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” lançava “los fundamentos de una nueva poesía que no se contentaba apenas con apenas con arremeter destructivamente contra los estancados cánones del ‘pasatismo’ sino que se proponía al mismo tiempo una tarea constructiva a través de la ‘síntese’ y del “equilíbrio geométrico”²⁸ (...), culminando, em 1945, com o “Engenheiro”, de João Cabral de Melo Neto e “provocando, na primeira metade da década de 1950, manifestações

25. “(...) ao invés de uma contribuição local à diversidade das culturas surgiu em primeiro plano a história da deformação nacional, como instância da marcha grotesca ou catastrófica do capital.” SWARTZ *Quien me dice que este personaje no sea el Brasil*, v. 52, p. XII.

26. “(...) a ideologia oficial que postula a índole pacífica do povo.” GALVÃO. *Prólogo*, v. 79, p. XXV.

27. “(...) estão escondidas sob muitas toneladas de água.” GALVÃO. *Prólogo*, v. 79, p. XXV.

28. “(...) os fundamentos de uma nova poesia, que não se contentava apenas em se arremeter contra os estancados cânones do ‘passadismo’, senão que se propunha ao mesmo tempo uma tarefa construtiva através brasileira da ‘síntese’ e o ‘equilíbrio geométrico.’” CAMPOS. *Prólogo*, v. 84, p. XII.

inaugurais da poesia, cujo plano piloto é de 1958”.²⁹ Haroldo também ressalta como o poema oswaldiano alentou o lirismo satírico-paródico de Caetano Veloso e Gilberto Gil no movimento tropicalista da música popular brasileira. No âmbito da prosa oswaldiana, não são poucos os comentários de Haroldo que, ao explorar os aspectos semióticos, evidenciava a relação entre o texto oswaldiano, as técnicas cinematográficas e as artes plásticas.

Para sintetizar algumas de suas colocações remeto ao trecho:

En Miramar, como vimos, Oswald ya había iniciado esa experiencia de ruptura de límites, con seu cubo-futurismo plástico-estilístico. Ahora la radicaliza en otra dimensión, servíendose de las conquistas anteriores de su language, pero yendo aún más a fondo – se así se puede decirse – en la desarticulación de la forma novelesca tradicional.³⁰

O volume da “Ayacucho”, dedicado exclusivamente à arte e arquitetura do modernismo, com o prólogo de Aracy Amaral, é de extrema importância para o aprofundamento entre literatura e artes plásticas.

A tradução e a heterogeneidade

A questão da tradução é outro aspecto presente nos prólogos que buscam traduzir signos, textos e contextos político-culturais. Focalizada, sob a perspectiva da criação, está presente no texto crítico de Haroldo de Campos que ressalta o caráter tradutório dos poemas de Oswald. O crítico compara o trabalho poético de Oswald com aquele de Ezra Pound. Isso ocorre pelo uso da interpolação de textos como aqueles “encontrados” por Oswald nos escritos de Claude d’Abbeville (1632), autor de *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l’Isle de*

29. “(...) provocando, na primeira metade da década de 50, manifestações inaugurais da poesia, cujo plano piloto é de 1958 manifestações inaugurais da poesia, cujo plano piloto é de 1958.” CAMPOS. Prólogo, v. 84, p. XII.

30. “Em Miramar, como vimos, Oswald já tinha iniciado essa experiência de ruptura de limites, com seu cubo-futurismo plástico-estilístico. Agora radicaliza-a em outra dimensão, servindo-se das conquistas anteriores de sua linguagem, mas indo ainda mais a fundo – se assim se pode dizer – na desarticulação da forma romanesca tradicional.” CAMPOS. Prólogo, v. 84, p. XXII.

Maragnan et terres circonvoisines où est traicté des singularitéz admirables et des Meurs merueilleuses des Indiens habitans ce pays (Paris, 1614).

Analisando o que ocorre na “Biblioteca Ayacucho”, em relação aos prólogos e às obras, pode-se identificar, ainda, a heterogeneidade, conceito elaborado por Cornejo Polar e revisitado por Mabel Moraña que, a partir desse aspecto, destaca o caráter de “tensiones, pugnas y defasajes de la plural realidade latinoamericana (...)”.³¹

Nos prólogos, essa tensão pode ser lida entre literatura e biografia (textos de Francisco de Assis Barbosa e Walnice Galvão a respeito de Lima Barreto e Euclides da Cunha, respectivamente) e o relacionamento entre a modernização e as formas literárias (encontrada nos prólogos de Roberto Swartz e Haroldo de Campos). Se, por um lado, se verifica uma comunidade crítica fraterna, considerando-se que muitos dos prefaciadores reiteram o pensamento de seus pares (Walnice Galvão é citada por Antonio Candido que é mencionado no artigo de Haroldo de Campos sobre Oswald de Andrade.); por outro, a crítica não vive sem tensão, o que se observa pelo confronto entre ideias divergentes em relação a um mesmo texto. Sob essa perspectiva, cito *Macunaíma*, cujo prólogo na “Ayacucho” foi de Gilda de Mello e Souza que, por sua vez, dialoga, de forma crítica, com Haroldo de Campos. As diferentes tendências críticas revitalizam o diálogo, sem que uma voz abafe ou anule a outra. Essa tensão, presente nos prefácios, não exclui aqueles volumes dedicados a divulgar os teóricos sobre a cultura.

Vertente cultural

O primeiro volume brasileiro na “Biblioteca Ayacucho”, dedicado de modo especial à reflexão sobre a cultura brasileira, data de 1977. Trata-se de *Casa-grande & senzala*, prefaciado por Darcy Ribeiro. Em muitos de seus comentários sobre o livro de Gilberto Freyre, o antropólogo atenta para o lugar de enunciação a que pertence o autor pernambucano, marcado pela formação estrangeira e pelo olhar de “elite” e de “fidalgo” que não se despoja de sua condição de brasileiro. Entender as ambiguidades do texto de Freyre significa não condenar simplesmente

31. “(...) tensões, lutas e defasagem da plural realidade latino-americana.”
MORAÑA. *Crítica impura: estudios de literatura y cultura latinoamericanos*, p. 254.

o texto do autor pernambucano. Ressalte-se o fato de Darcy Ribeiro salientar, em Gilberto Freyre, “a natureza indisciplinada e anárquica”.³²

Em um autor como Darcy Ribeiro, envolvido com tantos saberes (antropológico; literário; ensaístico; político, pedagógico e histórico), a afirmação pode ser tanto um defeito como qualidade, dependendo do olhar de onde se vê principalmente quando se pensa na complexidade de sua própria obra, despojada de ortodoxia. Levado a construir um saber “fronteiriço”, segundo Walter Mignolo, o autor de *Maíra* olha o dentro e o fora, não se submetendo aos modismos interpretativos. Mesmo depois da morte de Ángel Rama, em 1983, Darcy Ribeiro continuará mantendo um diálogo com os editores da “Biblioteca Ayacucho”. Pela “Ayacucho” publicará *As Américas e a civilização* (1993) e *A fundação do Brasil: testemunhos*, junto com Carlos de Araújo Moreira Neto (1992).

Em uma correspondência da “Biblioteca Ayacucho” para Darcy Ribeiro, vê-se que os princípios da “Coleção” se mantêm. Dessa correspondência destaco o trecho que comprova esse aspecto:

(...) desde su origen mismo, ha sido una empresa de cultura muy venezolana, pero de proyección eminentemente latinoamericana por su fidelidad a los ideales que inspiran su histórico nombre. Así lo demuestra un centenar de títulos que ha editado hasta el presente, los cuales representan una selección de autores y obras fundamentales en las variadas disciplinas de las letras, la filosofía, la historia, el pensamiento político, la antropología, el arte, el folclore, y otras (...). Ayacucho es un lugar de clásicos literarios, filosóficos y antropológicos.³³

No prefácio de Antonio Candido, realizado para a obra selecionada de Silvio Romero, a heterogeneidade, entendida como tensão e conflito, também

32. RIBEIRO. Gilberto Freyre: uma introdução à *Casa-grande & senzala*, p. 81.

33. “(...) desde sua origem, foi uma empresa de cultura venezuelana, mas de projeção eminentemente latino-americana por sua fidelidade aos ideais que inspiram seu histórico nome. Assim o demonstra uma centena de títulos que foram editados até o presente, os quais representam uma seleção de autores e de obras fundamentais nas variadas disciplinas das letras, a filosofia, a história, o pensamento político, a antropologia, a arte, o folclore e outros (...) Ayacuccho é um lugar de clássicos literários e filosóficos e antropológicos.” Carta de José Ramón Medina para Darcy Ribeiro em 10 de fevereiro de 1984.

está presente. O autor de *O discurso e a cidade* procura entender o “torvelinho” das ideias de Silvio Romero a partir das contradições do país. Segundo Antonio Candido, o fato de Silvio Romero fazer balanço de sua própria obra ao mesmo tempo que ajuda a crítica pode lhe trazer dificuldades como no traçado do itinerário do autor sergipano. A propósito da perspectiva sobre a mestiçagem, o autor de “Dialética da malandragem” afirma:

Sin embargo su originalidad se debe al hecho de haber entendido y valorado correctamente la importancia del mestizaje, rasgo fundamental al que, y es mérito como ya vimos, analizó con extrema claridad y usó como instrumento de interpretación, a pesar de haber aceptado como principio científico indiscutible la teoría de la desigualdad de las razas.³⁴

O autor de *História da literatura brasileira* (1988) dedicou-se a múltiplos ramos (poesia, crítica, filosofia, sociologia, política, etnografia, folclore e direito). Apresentando uma obra polêmica, Antonio Candido vai elucidar essas contradições que atravessam a obra do crítico de Sergipe. Expondo a complexidade do pensamento e as contradições do pensamento de Silvio Romero, afirma:

Tendo tudo isso em conta, não estranha que tenha influenciado ao mesmo tempo em posições radicais frente a cultura brasileira, como a de Otávio Brandão, e em posições conservadoras, como a de Oliveira Viana; que ajudou um homem como Mário de Andrade a definir sua profunda visão da cultura popular e que tenha influenciado diretamente na maneira como Gilberto Freyre concebeu a gênese das classes dominantes.³⁵

34. “No entanto, sua originalidade se deve ao fato de ter entendido e valorizado corretamente a importância da mestiçagem, traço fundamental a que, e é seu mérito como já vimos, analisou com extrema clareza e usou como instrumento de interpretação, apesar de ter aceito como princípio científico indiscutível a teoria da desigualdade das raças.” CANDIDO. Prólogo, p. XVIII.

35. “Teniendo todo eso en cuenta, no extraña que haya influido al mismo tiempo en posiciones radicales frente a la cultura brasileña, como la de Otávio Brandão, y en posiciones conservadoras, como la de Oliveira Viana; que haya ayudado aun hombre como Mario de andrade a definir su profunda visión de cultura popular, y que haya influido profundamente en la manera en que Gilberto Freyre concibió la génesis de las clases dominantes.” CANDIDO. Prólogo, p. 12.

As bibliotecas na “biblioteca”

A referência às bibliotecas dos autores não passou despercebida aos prefaciadores dos textos selecionados. Dentre esses prólogos destaco as observações de Francisco de Assis Barbosa em relação às preferências literárias de Lima Barreto, enumeradas em um catálogo de sua pequena biblioteca, intitulada “limiana”. Das bibliotecas dos autores pode-se chegar àquelas dos personagens, como será visto mais adiante.

Em *Quincas-Borba*, de Machado de Assis, a pobreza da biblioteca de Dona Tonica e do Major Siqueira se reduzia ao *Saint-Clair das Ilhas* ou *Os desterrados da Ilha da Barra*.³⁶ Em oposição, o narrador machadiano acessa a literatura portuguesa³⁷ (Almeida Garrett); a literatura francesa³⁸ (Alexandre Dumas) e a literatura inglesa (Shakespeare). A posse da biblioteca constitui um valor que permite a ascensão social.

Lima Barreto também aguçou a curiosidade de seus leitores na busca de labirintos, de galerias, de bibliotecas e pergaminhos. Escreveu um romance-folhetim que continha um manuscrito chamado “D. Garça ou o que se passou em meados do século XVIII nos subterrâneos dos padres da Companhia de Jesus, na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, a mui heróica, por ocasião da primeira invasão dos franceses a mando de Clerc.” Ironicamente, esse texto só foi revelado ao público brasileiro em 1999 por conta da “trama”³⁹ dos arquivos e das bibliotecas.

O tema sobre biblioteca é bastante rico e, em *Marginália*, o cronista carioca não deixa de registrar a mudança na arquitetura da “Biblioteca Nacional” que afasta “os mal vestidos”, “os tristes”. Vejam-se os fragmentos:

Pouco freqüente a Biblioteca Nacional, sobretudo depois que se mudou para a avenida e ocupou um palácio americano. (...) ⁴⁰

36. ASSIS. *Obra completa*, p. 757.

37. ASSIS. *Obra completa*, p. 689.

38. ASSIS. *Obra completa*, p. 712.

39. Ao utilizar o termo “trama”, valho-me do título organizado por Wander Melo Miranda sobre arquivo Cf. MIRANDA. *A trama do arquivo*. Confira-se ainda o livro LIMA BARRETO. *O subterrâneo do morro do castelo*. Introdução de Beatriz Resende. 3. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1999. Os textos desse livro foram publicados originalmente no *Jornal do Commercio* em 1905 e estavam na “Biblioteca Nacional”.

40. LIMA BARRETO. *Marginália*: artigos e crônicas, p. 37.

Ninguém compreende que se subam as escadas de Versalhes senão de calção, espadim e meias de sêda; não se pode compreender subindo os degraus da ópera, do Garnier, mulheres sem decote e colares de brilhantes, de mil francos; como é que o Estado quer que os mal vestidos, os tristes, os que não têm livros caros, os maltrapilhos “fazedores de diamantes” avancem por escadarias suntuosas, para consultar uma obra rara, com cujo manuseio, num dizer aí das ruas, têm a sensação de estar pregando à mulher de seu amor?⁴¹

Embora o leitor brasileiro, no âmbito acadêmico, tenha conhecimento dos textos críticos, publicados como prólogos na “Biblioteca Ayacucho” em sua versão original ou por meio da tradução dos mesmos, em livros editados no Brasil, devem ser revisitados, no contexto histórico do exílio latino-americano, como resposta ao esquecimento, ao aplacamento de ideias e pensamentos de diferentes facções ideológicas e à higienização dos espaços de luta e de resistência.

A republicação desses textos, aqui revisitados, de forma concisa, reconstrói um caminho de entrelaçamento da literatura e da cultura, reiterando as lições de Ángel Rama e dos diversos críticos-prefaciadores, empenhados na compreensão dos estudos latino-americanos. O crítico uruguaio, como diretor Literário da “Biblioteca Ayacucho”, é um dos leitores e críticos desses mesmos textos. Nesse sentido, não poderia deixar de nomear o artigo “La literatura em seu marco antropológico” que, segundo Pablo Rocca, foi o “último texto que Rama redigiu, e o último que apresentou publicamente, apenas umas horas antes do fatal acidente em que perdeu a vida”.⁴² Nesse texto, Rama relê autores publicados na “Biblioteca Ayacucho” como Silvio Romero e Gilberto Freyre e atenta para a “arrogante polêmica através da qual Silvio Romero pretendeu, em 1906, arrasar o livro de Manoel Bomfim *A América Latina. Males de origem*, certamente um dos melhores livros que foi escrito sobre o chamado subdesenvolvimento americano”.⁴³

41. LIMA BARRETO. *Marginália: artigos e crônicas*, p. 37.

42. ROCCA. *Literatura, cultura e sociedade de uma América Latina*, p. 208. No momento em que me referi ao texto de Pablo Rocca na apresentação do meu texto, a tradução ainda não tinha saído no Brasil. Tendo em vista que o texto de Ángel Rama foi traduzido pela Editora da UFMG, incorporei-a nessa versão do trabalho que apresento em *O Eixo e a Roda*.

43. RAMA. *Literatura, cultura e sociedade de uma América Latina*, p. 185.

Na releitura de tempos e de autores, as críticas se refazem, explicitam aspectos antes não estudados. Na crítica brasileira, vários trabalhos sobre as alteridades discutem posições cristalizadas. Nesse contexto, menciono o livro *Machado de Assis afro-descendente*, organizado por Eduardo de Assis Duarte.⁴⁴ Na releitura da bibliografia de Machado, esclarece as posições do autor carioca, em relação à escravidão no Brasil, imprimindo, certamente, no diálogo com outros críticos, novos rumos à bibliografia sobre o autor de *Quincas Borba*.

Pelo estudo dos prólogos, enfatizei alguns aspectos que demonstram como, por meio dos comentários críticos, os leitores eram levados a fazer associações entre os textos brasileiros no que tange tanto aos aspectos literários quanto aos culturais e históricos. A aproximação com o mundo hispano ficou visível pelo comparativismo entre obras (menciono os textos de Antonio Candido e Francisco de Assis Barbosa pela menção e confronto com a picaresca espanhola). A perspectiva semiótica dos textos brasileiros demonstrou a modernidade de nossa literatura e de nossas artes plásticas. No âmbito da cultura, a publicação dos prólogos e dos textos de Silvio Romero e Gilberto Freyre trouxe para o conhecimento do mundo hispano-americano momentos de reflexão cultural sobre nosso país.

O comparativismo, construído a partir de sistemas literários do Brasil e da Europa, reiteram como a crítica literária brasileira teria e terá que caminhar bastante para fazer correlações entre obras brasileiras e hispano-americanas.

Na “Biblioteca Ayacucho”, muitos autores e críticos brasileiros ficaram ausentes. Nessa constatação, evidentemente, há outras tramas que devem ser buscadas e pesquisadas. No entanto, quero salientar que a “Biblioteca Ayacucho” representou para os intelectuais exilados a possibilidade de encontro e de integração latino-americana. Desvincilhando-se de uma visão linear de história, lançou possibilidade de releituras dos textos à luz do presente. Abrindo-se para a heterogeneidade de pensamentos manteve uma multiplicidade de vozes escutadas de forma transnacional.

O Brasil se moderniza e alcança os romances. A representação do espaço transcende as fronteiras nacionais em *Macunaíma* e *Memórias sentimentais de João Miramar*, em que o personagem mira o mar, viaja. Ponte para a história dos exílios e da migração?

44. DUARTE. *Machado de Assis afro-descendente*.

Brazil in the “Ayacucho Library”: literary and cultural trend

Abstract: This text aims to think over the presence of Brazilian literature and culture in the “Biblioteca Ayacucho”, which was a cultural enterprise supported by the Venezuelan government. To do so, it was taken as starting point the study of some prologues accompanying published texts at the time during which Ángel Rama, Uruguayan critic, served as Literary Director. To develop this work, was considered the following aspects: comparativism lessons; national identity and historical update; a semiotic perspective of literature and dialogue with the arts; translation and heterogeneity; the cultural side and, ultimately, the libraries in the “Library”.

Keywords: Brazil, “Ayacucho Library”, literary and cultural criticism.

Referências

- AMARAL, Aracy. Prólogo. In: _____. *Arte y arquitectura del modernismo brasileño (1917-1930)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, v. 47, p. IX-XXXI, 1978.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v. I e II.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Prólogo. In: LIMA BARRETO. *Dos novelas: Recuerdos del escribiente Isaías Caminha; El triste fin de Policarpo Quaresma*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. IX-XXXV. v. 49.
- BARBOSA, Francisco de Assis. O escritor e a posteridade. In: _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica, Coleção Archivos: Madrid, 1997, p. 600.
- BERND, Zilé. Literatura Comparada e outras literaturas periféricas. In: MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, Gilda Neves (Org.). *Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 39-44.
- BOSI, Alfredo. Situaciones machadianas. In: ASSIS, Machado. *Cuentos*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. IX-XXXIX. v. 3.
- CAMPOS, Haroldo de. Prólogo. In: ANDRADE, Oswald de. *Obra escogida*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981. p. IX-XLI. v. 84.
- CANDIDO, Antonio. Dialectica del malandrínaje (caracterización de las “Memorias de un Sargento de Milicias”). In: ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memorias de un sargento de milicias*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977. p. IX-XXXVII. v. 25.
- CANDIDO, Antonio. Prólogo. In: ROMERO, Silvio. *Ensayos literarios*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1982. p. IX-XXVII. v. 93.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 19-54.
- CARTA de José Ramón Medina para Darcy Ribeiro em 10 de fevereiro de 1984.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

- GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: _____. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 32.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Prólogo. In: CUNHA, Euclides da. *Los sertones*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980. p. IX-XXVII. v. 79.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.
- LIMA BARRETO, Affonso Henriques de. *Marginália: artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- MELLO E SOUZA, Gilda. El tupi y el laúd. In: ANDRADE, Mário de. *Obra escogida*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981. p. IX-XLI. v. 84.
- MELLO E SOUZA, Gilda. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- MILLIET, Sergio. Apud. BARBOSA, Francisco de Assis. Prólogo. In: LIMA BARRETO. *Dos novelas: Recuerdos del escribiente Isaías Caminha; El triste fin de Policarpo Quaresma*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. XIX. v. 49.
- MIRANDA, Wander Melo. *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1985.
- MORAÑA, Mabel. *Crítica impura: estudios de literatura y cultura latinoamericanos*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2004.
- ORTIZ, Oscar Rodríguez. Apresentação. In: _____. *1974-2006: 30 años de Biblioteca Ayacucho*. Caracas: Editorial Arte, 2004. p. 6-18.
- RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. ROCCA, Pablo (Org.). Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RIBEIRO, Darcy. Prólogo. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: introducción a la historia de la sociedad patriarcal en el Brasil*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977. p. IX-XLI. v. 11.
- RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: uma introdução à *Casa-grande & senzala*. In: _____. *Ensaíos insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. *As trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.
- ROCCA, Pablo. Apresentação. In: RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade de uma América Latina*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.7-27.
- SCHWARZ, Roberto. Quien me dice que este personaje no sea el Brasil. In: ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. p. IX-XXI. v. 52.